

COMENTÁRIO BÍBLICO

4º Domingo do Advento – Ano B

20dez2020

2 Samuel 7,8-16; Salmo 89,20-31; Romanos 16,25-27

S. Lucas 1,26-38

²⁶Quando Isabel estava grávida de seis meses, Deus mandou o anjo Gabriel a Nazaré, na província da Galileia, ²⁷para falar com uma virgem chamada Maria que estava noiva de José, descendente do rei David. ²⁸O anjo aproximou-se dela e disse-lhe: «Eu te saúdo, ó escolhida de Deus. O Senhor está contigo.» ²⁹Maria ficou perturbada com estas palavras e perguntava a si própria o que queria dizer aquela saudação. ³⁰Então o anjo continuou: «Não tenhas medo, Maria, pois foste abençoada por Deus. ³¹Ficarás grávida e terás um filho, a quem vais pôr o nome de Jesus. ³²Ele será grande e será chamado o Filho do Deus altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono do seu antepassado David. ³³Governará para sempre os descendentes de Jacob e o seu reinado não terá fim.»

³⁴Maria perguntou então ao anjo: «Como é que isso pode ser, se nunca tive marido?» ³⁵O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo descerá sobre ti e o poder do Deus altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso, o que vai nascer é santo e será chamado Filho de Deus. ³⁶Também a tua parente Isabel vai ter um filho, apesar da sua muita idade. Dizia-se que era estéril, mas já está no sexto mês. ³⁷É que para Deus não há nada impossível.» ³⁸Maria disse então: «Eu sou a serva do Senhor. Cumpra-se em mim a tua palavra.» E o anjo retirou-se.

1. A anunciação do nascimento de Jesus descrita no evangelho de Lucas é um primor de pormenores com uma simbologia muito própria. Começa pela definição do momento cronológico (seis meses da gestação de João) dando-nos conta duma narrativa ordenada concernente aos nascimentos de João Batista e de Jesus. Então, vejamos. O local da aparição do anjo: no anúncio de João foi o Templo de Jerusalém (no contexto religioso de então não podia ser melhor); mas, no de Jesus, foi Nazaré, um povoado sem importância, na província da Galileia, uma região desprestigiada, naquele tempo. Lembremos o comentário de Natanael quando Filipe lhe fala de Jesus, o nazareno: «*De Nazaré pode sair algo de bom?*» (S. João 1, 46). Também, a recepção do anúncio. No caso de João, seu pai, o sacerdote Zacarias, figura do “sagrado” institucional, não acreditou, ficou mudo, fechou-se a Deus. Na anunciação de Jesus, Maria, uma jovem simples, desconhecida e humilde, figura do “profano”, que assume a sua crença em Deus e se disponibiliza para cumprir o desígnio divino.

Não será que Deus, ao escolher uma mulher ignorada, dum lugar insignificante, para a anunciação do nascimento do «*Filho amado*» (S. Marcos 9,7), quer converter o “sagrado” em “vulgaridade”, começando, assim, a esboçar-se o ambiente do Deus expresso em Jesus? Veja-se «*Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até à morte, e morte de cruz!*» (Filipenses 2, 6-8).

2. O Mistério da Encarnação de Deus não deixa ninguém indiferente, inflama os que o aceitam e também os que o renegam. Quem o aceita, quem nele acredita, regurgita de alegria na altura da sua celebração, o Natal, levando-o até à visão idealizada, conforme as poses e a cultura de cada sociedade. Os outros, os descrentes, baseados numa racionalidade de reconhecidos limites, afirmam, compenetrados, a sua impossibilidade. Mas, para que ninguém fique excluído da festa, chega-se a um compromisso de entendimento, o da afirmação do Natal como a festa da família. Assim cabem todos, crentes e não crentes, e vive-se a e alegria do encontro em refeição festiva, a consoada. Provavelmente aqui está o grande e universal significado do Natal.

O Mistério da Encarnação anuncia-se no encontro de um anjo, um ser celestial, com uma pessoa humana, Maria, uma jovem simples e desconhecida. Há estupefação, dúvidas e declarações incompreensíveis que terminam com uma declaração de fé e uma decisão poderosa «*Eu sou a serva do Senhor. Cumpra-se em mim a tua palavra*». Aí, o encontro entre o “sagrado” e a “humanidade”, uma intervenção divina entre os humildes, uma expressão de fé do divino no “ser humano”. E tudo isto no silêncio de Deus – o segredo do agir divino – onde as grandes coisas se realizam. Como é difícil de aceitar à luz da mera racionalidade! Todavia, como alguém disse, “tudo o que é grande no ser humano não saiu do puro pensamento, mas funda-se no coração e no seu amor”. Na verdade, é preciso apelar ao coração para que o entendimento se deixe penetrar – ficar mais próximo – do mistério de Deus. Então, pode-se “ver” no filho da virgem mãe, na criança do presépio, o Deus verdadeiro que a todos enlaça num abraço paternal e misericordioso.

3. A semana passada, o Público, 15dez20, publicou uma entrevista com o Professor Sobrinho Simões, em que este afirmava “Aquilo em que acredito mais é na religião”. Fiquei surpreendido, pois, sempre me convenci que aquele cientista, de renome mundial, era um agnóstico. Mas, ele depois acrescentou, “Sim, não é para mim, não serve para mim. Mas se eu começar a pensar o que no mundo pode ser supranacional tem de ser a religião. E aí pode ser qualquer uma desde que seja uma prática incorporada no comportamento.” Isto é, aquele Professor não acredita na religião *per se*, mas aceita-a como uma prática... incorporada no comportamento. Considera, portanto, que se pode ser religioso(a) sem prática comportamental – o que certamente vê todos os dias – e, por isso, apela aos religiosos para que tenham em conta “a contenção, o respeito pelo outro”. E isto é muito importante, até neste estado de pandemia em que vivemos e que vamos certamente continuar a viver no próximo ano, talvez com menor intensidade.

Por isso, é bom que atentemos no cântico de Maria, o “Magnificat” (S. Lucas 1,46-56). Aí se junta numa experiência de vida uma conduta de fé e um comportamento humano. Inspirado no cântico de Ana (I Samuel 2, 1-10), sublinha o “religioso” e exalta o socorro dado aos pobres e pequenos em detrimento de ricos e poderosos. Ou seja, o comportamento humano consequente com a fé proclamada expresso na honestidade, bom trato e respeito com todos e numa especial sensibilidade para com quem sofre ou passa mal.

Santo Natal.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana